Ano 19.º — Sabado, 8 de Maio de 1926 — N.º 925

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
R. Eça de Queiroz, n.º 3—AVEIRO
Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

Bravo!

Com toda a energia, decisão e oportunidade as oposições parlamentares da Camara dos Deputados, interpretando os desejos, a vontade e as aspirações do país inteiro, obstaram, na ultima semana, a que o governo levasse por deante a maior afronta dos ultimos tempos com que nos queria mimosear, sem respeito algum pela honra da Republica, antes pretendendo mais uma vez enxovalha-la com aquela falta de sensibilidade tantas vezes demonstrada por os seus componentes, mas que agora encontrou uma forte resistencia, como era mister e estava de ha muito previsto.

Bravo!

Só temos que nos congratular com essa atitude porque ela livrou a nação doutro cancro contra o qual o partido republicano tantas vezes se insurgiu, acabando com o monopólio dos tabacos.

O monopólio dos tabacos!

Como ele foi discutido nos nossos comícios e na nossa imprensa!

Como ele era estigmatisado sempre que para isso havia ensejo!

Ainda em agosto de 1925, o actual titular da pasta das Finanças, sr. dr. Marques Guedes, escrevendo no *Primeiro de Janeiro*, dizia:

. . . .

Eu sou tambem pelo regimen da liberdade. A guerra aos monopólios foi agitada na propaganda republicana, que posso invocar, não por ter dela ouvido falar aos outros, mas por ter, modestamente embora, ajudado a fazê-la.

Restabelecendo o regimen da liberdade, **salvam-se os principios** *e ha sempre qualquer coisa de ganho, moral e politicamente, quando os principios se salvam.*

Contudo, o sr. Marques Guedes, que a seguir confessava ter medo da *régie*, por haver *já motivos de sobejo para recear a administração do Estado, que, ma em toda a parte, é* **inclassicavel** *entre nós*, falando ainda da ruina dos Transportes Maritimos, Bairros Sociais e Exposição do Rio de Janeiro, foi quem apresentou ao Parlamento, como ministro do partido democratico, que se diz detentor dos papiros do velho partido republicano, a proposta creando a *régie* ou seja o monopólio do Estado!

Brada aos céos!

E talvez por assim ser é que as oposições não estiveram com meias medidas: sairam fóra da tabela, protestaram ruidosamente, escavacaram carteiras, cantaram a *Portuguesa* e o hino da *Maria da Fonte*, mas a pouca vergonha dos tabacos gorou, não podendo restar duvidas de que a liberdade de fabrico e de comercio vai ser um facto embora isso pése ao democratismo esfomeado.

Bravo!

Temos sido, somos e continuaremos a ser contra os excessos, os desmandos, as violencias vistó a Republica precisar de ordem, muita ordem e ponderação para se impor como regimen de confiança ao povo lusitano. Mas neste particular só lamentâmos a impossibilidade de agir com veemencia igual á daqueles que, em S. Bento, se pronunciaram contra o govêrno, indicando-lhe a porta de saida visto outro não poder ser o caminho a tomar em face da sua estranha atitude sobre os tabacos.

Assim mesmo é que é. Bravo!

Inauditas miserias e baixêzas duma politica tôrpe

As arbitrariedades, ilegalidades e abusos de autoridade perpetrados pelo administrador do concelho da Feira com a complacencia e até apoio do governador civil, a despeito das reclamações do sub-delegado de saude, envolvido, por lei, no caso

Viu-se a escandalosa complacencia do administrador do concelho havida com o transgressor Filipe, do Feirral de Souto, tolerando a ilegal instalação do seu estabelecimento de venda de vinhos a copo, sem licença nem obediencia á distancia regulamentar estatuida na lei, isto a despeito das reclamações de dois negociantes prejudicados com essa escandalosa complacencia, os quais, reclamando, estavam precisamente dentro da lei. Isto ainda a despeito das minhas proprias reclamações oficiais, como vogal da comissão fiscalisadora, com a agravante de, convidada a autoridade por mim a reunir esta comissão para tratar do escandaloso caso, se recusar a efectuar essa reunião, persistindo a ilegalidade, com prejuizo de terceiros, durante mezes, até que eu proprio fiz acabar o escandalo promovendo a intervenção da Guarda Nacional para que autoasse o transgressor como prescreve o art. 22.º.

Escandalosa complacencia com ofensa da lei, tenho eu dito. Mas, ainda mais do que escandalosa, ela é positivamente imoral, se cotejarmos a conduta da autoridade neste caso com a que a mesma autoridade tinha adoptado, dias antes, em outro caso precisamente igual e até na mesma freguezia, o que eu inteiramente desconhecia e só muito mais tarde vim a saber.

* * *

No lugar de Tarei de Souto, João de Pinho e Silva instalara um estabelecimento onde vendia vinhos a copo sem a respectiva licença nem obediencia á regulamentar distancia de outro estabelecimento da mesma natureza. Não se fizeram esperar as reclamações. Teem a data de 20 de agosto as reclamações dos taberneiros Manuel Antonio Rodrigues e Emilia Augusta Brandão contra o transgressor João de Pinho e Silva, todos do lugar de Tarei de Souto.

Pois bem. Dentro de 15 dias era intimado o transgressor a encerrar definitivamente o seu estabelecimento sem mais considerações. Quer dizer: no caso anteriormente referido, e na mesma freguezia, houve toda a complacencia, tolerando-se a ilegalidade; neste outro caso houve prepotencia, ultrapassando-se a pena estatuida na lei. Um autentico abuso de autoridade.

O art. 21.º do dec. 9660 estabelece, como pena, á transgressão dos art. 1.º e 2.º a multa de 100$ a 300$ e o encerramento do estabelecimento por 30 dias. Mas a autoridade não quiz saber disso. Determinou o encerramento definitivo e assim ficou liquidada a questão.

E como este abuso de autoridade, que já deixava o administrador colocado sob a alçada da lei, não fosse suficiente, ainda outro se praticou com o mesmo transgressor.

E vem a ser que, requerendo ele licença para a venda de vinhos, não já a copo, visto lhe ser vedado, mas dentro das prescrições do decreto, a bizarra autoridade indefere-lho sem mais cerimonia, quando o art. 7.º prescreve que sobre esses requerimentos seja ouvida a comissão. E eis aqui outro não menos autentico abuso de autoridade.

Coteje-se, repito, a conduta neste caso com a adoptada no anteriormente referido, tudo na mesma freguezia e com poucos dias de intervalo, e depois disso diga-se-me se não foi para assinalar episodios desta ordem que a sabedoria das nações escreveu esta grande verdade: *se queres ver o vilão mete-lhe a vara na mão.*

Que importa a lei a tais sujeitos? Para esses a lei é o proprio arbitrio.

A autoridade, cujos actos estou apreciando com o direito que me dá a minha situação oficial neste assunto, nem sequer conhece a lei que aplicou, nem mesmo a leu. E' um facto absolutamente demonstrado. Vejâmos.

Cingindo-se á lei, uma autoridade consciente, em ambos os casos, lavraria o seguinte despacho: «Em vista desta transgressão de F. ao art. 1.º e 2.º do decr. 9660, por abrir o seu estabelecimento de venda de vinho a copo, sem licença nem obediencia ás distancias regulamentares, condeno o transgressor na pena exarada no art. 91, n.º 1.º, multa de... (100$ a 300$) e no encerramento do seu estabelecimento por 30 dias».

Mas nada disto. O que esta bizarra autoridade congeminou foi o seguinte:

> «...*em conformidade com o espirito da lei e por ter aberto o estabelecimento sem as devidas formalidades, o que considero abuso e falta de atenção pelas autoridades a que o caso diz respeito, determino que o estabelecimento em questão seja encerrado, sendo para este efeito intimado o seu proprietario.*»

De modo que esta bizarra autoridade entende que isto de requerer licença para venda de vinhos é uma questão de *atenção pelas autoridades a que o caso diz respeito*, tal como sucede com o menino na escola que nunca deixa de ter a indispensavel atenção para com o seu professor quando *péde licença para ir lá fóra...*

Eis aqui as bizarras qualidades do homem que a politica, ora predominante, da minha terra, investiu na chefia da administração do concelho!

* * *

Mas, como fica dito, deste facto ocorrido em principios de setembro, eu só vim a ter conhecimento em fins de dezembro.

Entretanto, em consequencia da ilegal conduta da autoridade com o transgressor Filipe, do Feirral de Souto, tratei de, pela minha repartição, a sub-delegação de saude, fazer um inquerito não só nas secretarias da administração e da fazenda como nas 35 regedorias do concelho, e vim a saber que havia desde junho, não só vários requerimentos para licença, como existiam várias reclamações contra a ilegal abertura de estabelecimentos de vinhos, tudo isso sem que a autoridade lhes desse andamento com inteiro despreso pelos prasos estatuidos na lei. E como da parte da autoridade não havia procedimento (áparte os casos referidos e ainda outros que igualmente foram resolvidos ao arrepio da lei) sucede que os transgressores multiplicavam-se, abrindo uns após o pedido de licença mas sem esperar que lha deferissem, abrindo outros mesmo sem a requererem.

E que admira que esses se colocassem fóra da lei, se fóra e até sob a alçada dela se tinha colocado inconscientemente a propria autoridade?

Inconscientemente ou antes, cinicamente, porque tudo isto assim corria a despeito das minhas oficiais reclamações e repetidos protestos, como se vai vêr.

Aguiar Cardoso
Sub-Delegado de Saude

Navios bacalhoeiros

Com escala por Lisboa, sairam a barra para a pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova, os lugres *Silvina, Ernani, Laura, Encarnação, Ilhavense I* e *Ilhavense II, Alcion, Guerra, Navegante, Infante de Sagres, Condestavel* e *Toruna*, ao todo 12, que oxalá façam bôa safra e regressem livres de qualquer desastre á procedencia.

IMPRENSA

"A Voz da Verdade,,

Entrou no 6.º ano, pelo que o felicitâmos, este nosso confrade de Vizeu, que á causa da Republica e ao livre pensamento tem prestado os melhores serviços sob a direcção do sr. Pereira Araujo.

Longa vida e as maximas prosperidades.

Banco Ultramarino

Distribuiu o seu relatorio de contas referente ao exercicio de 1925, o qual acusa alguns milhares de contos de lucros.

Que lhe preste.

O tempo

Entrámos no mez das flôres dos perfumes e do amor, mas nem por isso estes oito primeiros dias de Maio corresponderam ao que era de esperar dos seus tradicionais encantos tão citados nos livros dos poetas.

E' que a patifa da Primavera teima em não querer dar-nos um ar da sua graça e daí a ausencia de tudo quanto concorre para a formosura do tempo, que, embora vossas excelencias não acreditem, a tudo tambem anda ligado com a ajuda do Senhor...

A tristesa que isto causa!

Tomé de Barros Queiroz

As fileiras do velho partido republicano contam de menos um elemento de valor que se afirmou pelo trabalho persistente e uma honesta conduta em tudo digna do seu caracter e das suas arreigadas convicções.

Morreu Tomé de Barros Queiroz, cuja vida simples e modesta nem por isso evitou que ascendesse aos mais altos cargos do regimen levado por aqueles que reconheciam nele competencia bastante para os desempenhar, como são prova a sua passagem pela Camara Municipal de Lisboa, pelas cadeiras do governo e pelo conselho de administração da C. P. onde o ilustre extinto ocupava o logar de presidente.

Com as virtudes civicas e domesticas de Barros Queiroz andava tambem aliado um grande espirito de patriota insigne e por isso a sua folha de serviços á causa republicana é das mais brilhantes, das mais corretas, das que recendem maior nobresa, inspirando simpatia.

Que o seu exemplo seja emitado. Porque só assim a Republica virá a ser amada, o país prestigiado e a alma nacional reabilitada perante aqueles que nos olham com desconfiança devido aos desatinos duma parte importante dos nossos politicos.

Que teria apurado?

A proposito da compra da casa onde se achava instalado o *Club dos Galitos* para a capitania do porto, veio aí uma sindicancia que a paginas tantas caíu no esquecimento não mais se sabendo o que foi feito dela.

Que teria apurado?

Naturalmente que o segredo é a alma dos negocios ou coisa parecida...

A eterna farça.

Recreio Artistico

Esta agremiação resolveu organisar um programa de festas para o dia 16, que constará do seguinte:

A's 10 horas, missa na igreja da Misericordia sufragando a alma dos presidentes já falecidos, sendo, no fim, distribuidas esmolas; visita ao cemiterio; conferencia ás 15 horas, pelo sr. dr. Jaime de Magalhães Lima; distribuição de cerca de 200 medalhas da Associação de Socorros a Naufragos por diversos actos de salvação, sendo tambem distinguida a bandeira da Associação; e á noite banquete de confraternisação que se realisará no salão nobre dos Bombeiros Voluntarios.

Junta Geral

Fôra convocada para sabado ultimo uma sessão plenaria. Como, porém, o numero dos membros não chegasse ao *quorum* para tomar deliberações, ficou tudo como dantes, quartel general em Abrantes...

Tambem se era só para substituir na presidencia da comissão executiva o sr. dr. Joaquim Peixinho pelo sr. comendador André, mais valeu assim.

Por todas as razões...

Em França

é assassinado um aveirense com familia na Beira-mar

As primeiras referencias que nos trouxe a imprensa da capital, respeitante ao assassinato barbaro dum trabalhador portuguez em Soisons, mal pensavamos que a infeliz vitima desse crime seria um nosso conterraneo que as vicissitudes da vida afastaram da sua patria, em procura de melhores dias e de mais rendosos proventos.

De informação em informacão, toda essa terrivel tragédia tem sido, pouco a pouco esclarecida de forma que á hora que escrevemos não resta a mais pequena duvida sobre a idoneidade da vitima de tão grave crime.

Independente do relato dos jornais, ha certos particulares que confirmam plenamente a morte cruel e afrontosa do nosso patricio João de Melo Albino—o *Pardal*—de 40 anos

João de Melo Albino

pouco mais ou menos, solteiro, filho de José Pedro de Melo Albino e Micaéla Rosa Calixto, já falecidos e irmão dos srs. José, Modesto, Roque e Francisco Albino e das sr.as Maria das Dores e Laurinda, viuva do saudoso José Maria Paulino, que a morte arrebatou, ha anos, na plenitude da vida.

Toda gente séria, honesta e trabalhadora da Beira-Mar, o João, porêm, um tanto ou quanto irrequieto e aventureiro, tinha o séstro de exibir-se sempre como muito abonado, mostrando, a proposito de tudo, o dinheiro que consigo trazia.

Foi, sem duvida, esse o motivo que despertou nos assassinos a ideia do crime.

João de Melo Albino voltára á França, pela segunda vez, em 1921, tendo agora desaparecido como, em carta, José de Souza, seu companheiro e amigo, comunica á familia ao mesmo tempo que as diligencias policiais apuraram que uma rapariga chamada Madalena Méresse, de 13 anos, actualmente no hospital de Soissons, poderia forneeer detalhes importantes sobre tão misterioso caso.

Em face disso, os inspectores, dirigindo-se á pequena, ouviram pela bôca dela o seguinte relato:

«*Na noite de 24 de dezembro passado fui ao baile na companhia do meu irmão Lucien, a um estabelecimento situado proximo do Passeio de Mail.*

Cerca da uma hora da madrugada saimos e fomos á venda Ballatreche, onde entramos para beber um copo de vinho. Nesse estabelecimento encontrámos o portuguez João de Melo Albino na companhia de Emilio Wagner, e sua mulher Léa Vatasso e Lucien Loporte.

Todos quatro beberam vinho. Eu e meu irmão, que estavamos numa meza á parte, notámos que o portuguez pagou a despeza. Ele parecia ter bastante dinheiro consigo, visto trocar uma nota de 100 francos.

A venda fechou perto das 23 horas e meia, saindo todos juntos. Andando, aproximadamente, cem metros, e encontrando-se num logar deserto, Rolland propoz a Wagner e a Laport assassinar o portuguez para lhe roubar o dinheiro.

Aceite a proposta, lançaram mãos á obra.

Então Rolland, empunhando um casse-tête *de* caoutchouc, *vibrou algumas pancadas na cabeça do Melo e os companheiros agrediram no a soco, deixando-o sem sentidos.*

Depois de lhe roubarem 1.800 francos, julgando-o morto atiraram-no ao rio Aisne, onde mais tarde foi encontrado, levando tudo a crêr que ele tivesse sido vitima de um desastre.

Madalena e Lucien Merésse, que assistiram ao crime, separaram-se dos tres individuos, mas foram ameaçados de morte se proferissem uma palavra sobre o que viram.

Os arguidos já foram presos, mas negam o delito.»

Nós, porêm, não lhes queremos estar na pele, com tanta claresa a Madalena se exprimiu.

Estão arranjados.

Excursões

Aveiro foi visitado no domingo por algumas centenas de pessoas de Cortegaça, que realisaram um *pic-nic* na Gafanha, aonde se dirigiram em barcos embandeirados, tendo-se, no regresso, espalhado pela cidade, que muitos não conheciam.

Todos os excursionistas sabemos terem retirado bem impressionados.

* * *

Está definitivamente resolvido que a excursão do Grande Colegio da Boavista, do Porto, seja efectuada a esta cidade nos dias 14, 15 e 16 do corrente, devendo o programa ser oportunamente distribuido.

Os bilhetes para a recita, com 50 0|0 para a caridade, datados de 27 de março, dão entrada para o espectáculo no dia 14, ás 21 1/2 h.

"Soirée"

Promovida por um grupo de rapazes, deve ter logar ámanhã, no salão nobre da Sociedade Recreio Artistico, uma grandiosa *soirée* dançante, na qual tomarão parte muitas das nossas graciosas tricaninhas para esse fim convidadas.

Abrilhantá-la-há a banda Amizade.

Notas Mundanas

Fez anos na quinta-feira, o sr. José Martins Arroja; em 11, fa-los a sr.ª D. Maria das Dores Freire, dedicada esposa do digno administrador do concelho e nosso particular amigo sr. José Moreira Freire e o sr. José Marques Sobreiro; em 12, os srs. Domingos Magalhães e Ernesto Maia (filho) e em 13, a sr.ª D. Augusta de Moraes Sarmento Quina Domingues, esposa do tenente de infantaria sr. Arnaldo de Quina Domingues.

— Tambem hoje passa o aniversario natalicio do sr. dr. Alberto Soares Machado, esclarecido clinico nesta cidade.

Teatro Aveirense

O Saltimbanco e *A Taberna* atrairam numeroso publico que, por completo, encheu a nossa casa de espectaculos, não deixando um logar vago.

Na *Taberna* apenas se salienta o trabalho de Alves da Cunha, realmente soberbo, e que lhe valeu, no final, uma grande ovação.

A companhia deu mais duas recitas, na quarta e quinta-feira, representando o *Papá Lebonard*, e as *Duas Causas*, que egualmente agradaram, principalmente a terceira, cujo entrecho a assistencia aplaudiu calorosamente.

Arcades ambo

Carapetão Fernandes, Hindemburro de Timor: estás moribundo sob a acção das toxinas da tua alma!

Não ha *arsénio* que te levante, nem *pinho* que te ampare apezar da *birra* persistente do teu homónimo.

Um é tóxico, outro é carunchoso e o Zé patego sofre de doença incurável.

O *Centro-do-Meio* está tambem na agonia, atravessando a fase mais grave da sua gestação sob a nefasta direcção do grotesco *Caco-Baêta*, que, em tempos idos, o *limpou* com pericia das suas reservas.

Este repelente farçola, corrido, então, por toda a classe e completamente afastada do Cêntro Farmacêutico, continuou a exercer, com exímia perícia, a rendosa profissão de nigromante, salientando-se com estrondo no enterro da defunta *Companhia Farmacêutica* e na escamoteação de vários incautos que foram no canto da sereia.

O Centro Farmacêutico Português, livre das garras deste urubú, e sob a honesta, sensata e inteligente direcção de José Bernado Soeiro, conseguiu ainda impôr-se ao respeito da classe, que ele sabia prestigiar, tratando com muita dedicação e proficiencia da defesa de todas as suas prerogativas, entrando assim numa fase intensiva de luta para levantamento do seu nivel moral e intelectual.

Publicou-se com brilho o *Boletim Farmacêutico*, onde só eram versados assuntos scientificos e tratadas, com sisudez e circunspeção, as questões de interesse profissional.

Mas eis que surge, vindo de Timor, o carapetão Fernandes, boticário mediocre que, sem nenhuma bagagem scientifica, se matriculou na Escola de Farmácia do Porto, ao abrigo duma choruda disposição transitoria, conseguindo obter o diploma de farmaceutico-químico de via reduzida, mercê da muita benevolencia dos seus professores.

Terminado o curso, conseguiu logo pela intriga, em que é eximio executor, o logar de segundo assistente provisorio, em substituição do farmacêutico Tomé de Campos; e mais tarde e após a reforma do ensino superior de 1918, o logar de assistente por contrato, devido á muita protecção do actual Director da Faculdade, envidando todos os seus esforços em sucessivas investidas, para conseguir a sua nomeação definitiva sem concurso, pretendendo assim traír todos os seus colegas, que exerciam, na Faculdade, iguais funções em identicas circunstancias. Mas, apesar das suas lamentações e repetidas insistencias, o desprezivel adolador nada conseguiu vendo-se obrigado a fazer concurso para assistente, o que muito o irritou pelo fiasco das suas provas e por ter sido classificado em **2.º** logar.

Durante o tempo que exerceu as funções de assistente contratado, manteve-se sempre numa atitude de inteira submissão, bajulando todos os professores e chegando até a utilizar, gratuitamente, os seus serviços clinicos para si e para a familia.

Volvido algum tempo, o carapetão Fernandes, de parceria com o seu *empolado* socio *Caco-Baeta*, com as suas artes diabólicas, conceberam o plano de assalto ao Centro Farmacêutico, plano que simuladamente prepararam na sombra. Unia-os desde a infancia, laços de *terna* amisade—*erunt duo in carne uno.* Foram cabos da Companhia de Saude, exercendo as suas funções na Farmácia do Hospital Militar do Porto. O *carapetão Fernandes*, Hindemburro de Timor, é hoje capitão reformado do Ultramar, mas o *Caco Baeta*, que teve tambem as mesmas aspirações, foi mal sucedido nas suas *exibições*. Conseguiu, no entanto, conquistar pelas suas rarissimas qualidades pelóticas o logar de capitão de... negromantes, que tem exercido com inexcedivel perícia.

Foi facil a investida pelo abandono em que os farmaceuticos votaram sempre a sua agremiação. Escolhidos os comparsas—*fatuns fatuum invenit*—houve um simulacro de eleição, surgindo então nomeada a nova direcção do *Centro-do-Meio*, tendo como presidente o *Caco-Baeta*.

Na presidencia da assembleia geral ficou o *Ximico* distinto, o galeno das mixordias, o excelente pedagogo das chalaças de caserna, o litera boticario *carapetão Fernandes* da Brutolandia.

O plano a executar consistia no assalto ás cadeiras da Faculdade de Farmácia e a outros logares chorudos para distribuir por todos os Fernandes do *Centro-do-Meio*, sendo para isso indispensavel atacar com violencia e no momento oportuno, o Director da Faculdade que deveria sucumbir á violencia do ataque visto ter muito abalada a saúde.

Para executar o diabolico plano, impunha-se, como é obvio, que á frente da direcção do Centro estivesse um homem sem escrupulos, inimigo pérfido do professor Anibal Cunha, e que se fizesse a publicação da folha de couve galega que, sem gramática, sem lógica, sem moralidade e sem orientação scientífica atacasse com virulencia a Faculdade de Farmácia e mantivesse coactos, tranzidos de susto pela violencia de expressões soezes, os farmaceuticos timidos, sofocando-lhes assim os impetos de revolta.

A primeira fentativa da confraria dos imbecis e ineptos—*pares cum paribus facilime congregantur*—foi tentar subordinar o Director da Faculdade pela subserviencia, elogiando-o na desprezivel folha de couve galega e fazendo, simultaneamente, todas as tentativas para convencer o dr. Nuno Salgueiro a pedir a reforma.

Tendo resultado inuteis todas as manigancias e todas as tentativas de sordida bajulação, enveredaram pelo caminho da violencia, furiosos e desorientados pela atitude leal e franca do Director da Faculdade, que não permitiu que o dr. Nuno Salgueiro requeresse a sua aposentação.

Iniciaram a sua campanha nas palestras dos cafés, preparando uma atmosfera de antipatia contra o professor Anibal Cunha e de desprestigio para a Faculdade, salientando-se depois com insolencia na noticia que publicaram na folha de couve galega ácerca do primeiro acto de doutoramento.

Pelo falecimento do professor dr. Nuno Salgueiro, escolheu o conselho escolar para o substituir, como pedagogicamente se impunha e era de toda a justiça, o assistente mais classificado no concurso, o dr. Anibal de Albuquerque, que é um profissional distinto.

Procurou-se então, por todos os meios, fazer intimidar o professor Anibal Cunha. No olho da couve galega exibiram com audacia o seu ignobil plano, posto ás claras, ameaçando o Director da Faculdade com uma campanha virulenta se não desse contra vapor, se não colocasse na regência da cadeira de Farmácia galenica um incompetente, o audacioso aldrabão *carapetão Fernandes.*

Se o professor Anibal Cunha e os restantes professores da Faculdade tivessem cedido á ameaça imposta, tudo era paz e concordia e o ensino da Faculdade continuava sendo modelar e a sua administração excelente!...

Como, porêm, a chantage falhou surgiu a campanha virulenta, caluniosa, ultrajante e de tal maneira imoral que reverteu em desprestigio da propria classe farmaceutica. O Director e os restantes professores foram invectivados com doestos e injurias soezes, procurando tambem os meliantes atingir a dignidade dos alunos e das alunas.

Pretenderam, com idiotices, ridicularisarem o *curriculum vitae* de tres medicos distintos, que, durante seis anos, vinham exercendo, com aplausos, de todos, as funções de professores contratados da Faculdade de Farmácia; que fizeram parte do juri do concurso para o provimento do logar de assistentes e que, durante aquele interregno, fizeram sempre o ensino da Farmácia, habilitando grande numero de farmaceuticos químicos, que se encontram dessiminados pelo país, sem o mais leve protesto da classe farmaceutica, muito pelo contrario, com o seu elogio.

Nada justifica, portanto, a campanha insolita e insidiosa que, á ultima hora, surgiu impetuosamente. Se os tres professores que, durante seis anos, exerceram, como contratados, as suas funções docentes na Faculdade, sem oposição da classe farmaceutica, e que foram ultimamente nomeados, como era de toda a justiça, professores ordinários ao abrigo da lei, não têem competencia, sem efeito resultarão, portanto, as nomeações dos assistentes e os diplomas dos farmaceuticos químicos por eles habilitados.

Pretenderem ridicularisar o *corriculum vitae* de tres medicos muito distintos, mesmo muito distintos, é querer ultrajar a classe médica.

Honesto seria pôr tambem em evidencia perante a classe farmaceutica o *corriculum vitae* do *carapetão Fernandes*, mola impulsora de toda esta campanha ignobil, e a de todos os Fernandes da *coterie do Centro-do-Meio*, afim de fazer o confronto, aferindo o valor intrinseco de cada um.

Como tudo isto é baixo e grotesco!

Contra o Director da Faculdade limitaram-se os *tartufos* a reeditar as acusações já destruidas pela sindicancia realisada em 1919! O *carapetão Fernandes, aldrabão de profissão*, não tem pejo de tecer agora, por intermepio do famigerado *testa de ferro Caco Baeta*, largos elogios á competencia e probidade de quem sempre deprimiu com epítetos ultrajantes. Foi o mais pertinaz instigador junto do professor dr. Anibal Cunha contra quem agora ignobilmente pretende adolar.

Que safardana!

Que ridiculo farçante e emérito intriguista!

O que se impunha á Direcção do Centro Farmaceutico Português, se fosse constituida por farmaceuticos competentes e briosos, seria a iniciação de conferencias scientificas e a publicação mensal duma revista da especialidade onde se evidenciasse o valor intrinseco dos seus membros para prestígio da classe farmaceutica. Só assim se consegue manter o nivel intelectual e moral das classes ilustradas. Assim procedem as classes cultas, que nunca tiveram a audácia de interferir nas decisões dos Conselhos Escolares dos seus estabelecimentos autónomos de ensino superior, a favor de clientelas petulantes e de mentecaptos ridiculos.

Esta atitude grotesca e imoral dos dirigentes do *Centro-do-Meio* evidencía bem a sua fraca mentalidade e a falta de escrupulos na execução dos seus deshonestos planos, e a decadencia da classe farmaceutica que tem todo o direito a ser respeitada.

Caco Boeta, presidente do Centro Farmaceutico Português!

Só em Portugal seria possivel tal afronta pela inércia e indiferença dos seus membros.

P. Q. P.

Auto-pronto socorro

A Companhia de Bombeiros Guilherme Fernandes adquiriu ultimamente um auto-pronto socorro a que poz o nome de José Maria Pereira e ámanhã vai ser festejado na sua séde, pelas 15 1/2 horas.

Agradecemos o convite.

Sobretaxa

De 5 a 15 deste mez é obrigatoria em toda a correspondencia postal, excepto jornais, a aposição dum selo de 15 centavos da emissão Marquez de Pombal e cujo produto de venda reverte a favor do monumento que, em Lisboa, deve ser levantado ao grande ministro de D. José.

Cambio

A cotação de ontem foi a seguinte:

Libra..........	94$50
Franco........	$72
Dollar.........	19$35

Necrologia

Faleceu em Lisboa, apezar de todos os esforços para o seu salmento, incluindo uma operação a que foi submetido, José Marques da Cunha, de 17 anos, unico filho do sr. Manuel Marques da Cunha, abastado proprietario em Esgueira.

Numa magnifica urna de mogno foi o cadaver do malogrado moço onduzindo para esta cidade de donde seguiu para o cemiterio da sua freguezia afim de ser depositado no jazigo de seu tio.

O funeral esteve concorridissimo, levando a chave da urna o sr. Mariano da Silva e organisando-se diversos turnos. Nele se encorporaram tambem os professores e alunos das Escolas, conduzindo quasi todos lindos ramos de flores naturais alem de muitas corôas ofertadas por pessoas amigas. O finado, que possuia um excelente coração, revelando já a posse das mais belas qualidades, frequentou a Escola até á hora de partir para a capital onde se ia entregar ao comercio.

Junto da sepultura falou, com sincera mágua, o sr. Manuel Madail, cujas palavras comoveram profundamente a numerosa assistencia.

Aos pais do extinto e a seu tio, o sr. José Tavares, a expressão do nosso pezar.

* * *

Faleceu com 80 anos, solteira, a sr.ª Maria Julia Limas, que durante toda a sua longa existencia deu sempre as maiores provas de elevados sentimentos.

Deixou testamento, repartindo pelos seus os haveres de que dispunha.

Paz á sua alma.

* * *

Deixou egualmente de existir o inocentinho Amandio, de 6 meses, filho do nosso amigo Acacio Marques Pinto e de sua esposa a sr.ª D. Regina Miranda, a quem acompanhamos no seu grande desgosto.

* * *

Em Pecegueiro do Vouga faleceu a mãe do habil marceneiro, sr. Abel Graça, a quem apresentâmos sentimentos.

Comunicado

Incorrecção dum porteiro do Teatro Aveirense e dum guarda de policia

... Sr. Director do jornal *O Democrata*:

Peço a V. a publicação do seguinte:

No domingo passado, 2 do corrente, fui na companhia de minha familia, assistir á sessão cinematografica do teatro.

Como a lotação da casa estava completa fui obrigado a conservar-me de pé, logo no seu inicio, mas qual não foi o meu espanto quando um tal Carlos Finório, porteiro, dirigindo-se a mim, me observou que não podia conservar-me de pé, visto ter muitos logares á frente da plateia.

Respondi-lhe que já os tinha procurado sem contudo os encontrar, ao que ele retorquiu, com modos bruscos que os havia e não ficando ainda satisfeito com as palavras insolentes que me dirigiu foi chamar um dos guardas que ali fazem serviço, o n.º 27, que não sendo menos estupido que o Carlos Finório, puxou do chanfalho dentro do Teatro, não chegando a utilisa-lo devido á intervenção rapida de outras pessoas que esta scena presencearam, obstando a que eu fosse agredido.

A' Ex.ma Direcção do Teatro Aveirense e ao sr. Comissario da Policia Civica chamo a especial atenção para este caso, pois não é assim que se tratam pessoas educadas e bem intencionadas, porque o tal Carlos Finório já é uzeiro e vezeiro na provocação de conflitos que algum dia podem dar funestos resultados.

Pela publicação destas linhas lhe fica grato o

De V., etc.

Aveiro, 4 de Maio de 1926.

Jorge Tomaz da Cunha

Correspondencias

Oliveirinha, 6

Jaime de Carvalho

Aos estragos da tuberculose, cuja doença o vinha mortificando atrozmente, sucumbiu esta madrugada o professor de ensino primario Jaime Vieira de Carvalho, natural desta freguesia e filho do sr. Manuel Melão de Carvalho.

Novo ainda, pois não contava mais de 37 anos, foi com a maior magoa que hoje de tarde o acompanhámos á ultima morada e nos despedimos para sempre do amigo cujos dotes de inteligencia nos foi dado avaliar durante o tempo que com ele privámos.

A' familia enlutada, especialmente a sua dedicada esposa, a sr.ª D. Emilia Rebelo de Carvalho, tão carinhosa como incansavel nos seus desvelos para com o enfermo, a sincera expressão das nossas condolencias.

C.

Costa do Valado, 7

Acaba de falecer o honrado comerciante sr. David da Silva Matos.

O seu funeral realisa-se ás 18 horas, limitando-nos, por hoje, a enviar pêsames á familia enlutada.

C.

Comarca de Aveiro

Editos de trinta dias

1.º publicação

NO Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 5.º oficio, Cristo, correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação deste, citando os interessados Antonio Rodrigues Novo e mulher, cujo nome se ignora, auzentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico a que se procede por obito de Manuel Rodrigues Novo, que foi viuvo, lavrador, desta cidade, e sem prejuizo do seu andamento.

Aveiro, 7 de Abril de 1926.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Souza Pires

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

Concurso

A Comissão Executiva da Camara Municipal do concelho da Mealhada faz saber que está aberto concúrso pelo espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação no *Diario do Governo*, para provimento do lugar de chefe da secretaria da mesma Camara, com os vencimentos que por lei lhe pertencem.

Os concorrentes apresentarão na respectiva secretaria os documentos exigidos por lei.

Mealhada, 29 de abril de 1926.

O Presidente,

José de Melo Cardoso

Comarca de Aveiro

Arrematação

(2.ª publicação)

NO dia 9 de Maio proximo, por 12 horas, no Tribunal Judicial e no inventario orfanológico a que se procedeu por óbito de Rosa Lopes Ribau, em que foi cabeça de casal o seu viuvo Antonio João Bóla, da Gafanha da Nazaré, voltam á praça as seguintes propriedades:

Terra lavradia, que foi pinhal, na Lezíria da Gafanha da Nazaré, no valor de esc. 2.000$00;

Terra lavradia, sita na Marinha Velha, Gafanha da Nazaré, no valor de 3.000$00;

1/30 da terra e Pouzio, sita na Gafanha da Nazaré, no valor de 100$00;

1/16 da terra lavradia, na Gafanha da Encarnação, no valor de 100$00; e

7/8 de 1/64 de uma terra lavradia sita na Marinha, Gafanha da Nazaré, no valor de 1.000$00.

As despezas da praça e toda a contribuição de registo são á custa dos arrematantes.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para uzarem dos seus direitos.

Aveiro, 22 de Abril de 1926.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Souza Pires

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

NO dia 9 do proximo mez de Maio ás 14 horas, nesta cidade de Aveiro, estrada da Barra, e casa da Fabrica da «Emprеza Comercio e Industria, Limitada», vão á praça pela segunda vez, afim de serem vendidos a quem mais oferecer acima de metade da sua avaliação, diferentes moveis, madeiras e generos de mercearia, arrolados no processo de falencia requerido por Alfredo Moreira, casado, lavrador, de Souza, comarca de Vagos e por José de Almeida Lopes, casado, comerciante e proprietario, de Vizeu, contra aquela «Empreza Comercio e Industria», sociedade por quotas, com sede nesta cidade, e pertencentes a esta falida.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos para usarem, querendo, dos seus direitos.

Aveiro, 28 de Abril de 1926.

Verifiquei

O Juiz Presidente do Tribu-do Comercio,

Souza Pires

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

Festas

As que se preparam á Santa Joana, no dia 16, devem resultar brilhantes, sendo de esperar que o programa chame a Aveiro grande numero de forasteiros ávidos de conhecerem as suas belezas ou passarem agradaveis momentos na terra onde se acolheu a formosa princêsa.

Como já dissemos, as companhias dos caminhos de ferro, estabelecerão bilhetes a preços reduzidos.